

METÁFORAS DE UMA COLHER DE PEDREIRO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA

Robson Roldão

robson_roldao@hotmail.com

DLA-UEPB

Orientador: Linduarte Pereira Rodrigues

linduarte.rodrigues@bol.com.br

DLA/PPGFP-UEPB

Resumo: Os estudos semânticos cognitivos vêm evidenciando que a aquisição e reprodução de conhecimentos se dão através das experiências vividas em sociedade. E o que dizer da experiência de se viver na parte nordeste do nosso Brasil? A paisagem nordestina tem um reflexo sobre grande parte da cultura da região. O homem do campo, o trabalho honesto, a religião, a seca, a mesa farta, são imagens criadas na literatura oral brasileira que ganham vida nas vozes dos tradicionais cordelistas, poetas de feira. Jessier Quirino, artista campinense, é na contemporaneidade referência autoral quando a temática é “nordeste”. Diante disso, o nosso estudo vem buscando demonstrar que Quirino traz em sua arte literária a figura do matuto rememorada no cotidiano de nossas cidades. O autor cria imagens que “se avivam” nas experiências do leitor de sua obra. Por essa razão, nosso estudo analisa as imagens criadas pelas metáforas empregadas na poética de Jessier Quirino, especificamente no poema “Obra inacabada de uma colher de pedreiro”. Para o embasamento teórico foi necessário o estudo das teorias da lingüística cognitiva, passando para o campo da semântica cognitiva, e logo em seguida temos um aprofundamento nos estudos de metáfora, parte essencial desta corrente. Sob a base teórica da semântica cognitiva, evidenciou-se que a figura do sertanejo traz consigo discursos essenciais para a formação de uma identidade do homem do campo, o que está condicionado a uma memória de tradição. Nas obras de Jessier Quirino são evidentes as marcas culturais e sociais, que necessitam de conhecimentos prévios para poderem ser interpretadas. Assim, pudemos observar a forma que Jessier dá vida um objeto inanimado, atribuindo-lhe características, sentimentos e emoções, próprias dos seres humanos. A partir das teorias de metáfora traçamos um percurso que nos mostra a construção de sentido que se desenvolve nos versos do poema escolhido para análise, e percebemos a importância do experencialismo na corrente cognitiva.

Palavras-chave: Jessier Quirino. Semântica cognitiva. Poesia matuta.

Abstract: The semantic studies have evidenced that acquisition and reproduction of knowledge are given through experiences in society. what to say about experience of live in part northeast our Brazil? The northeastern landscape has a reflection of culture over much of the region. The man from the country, honest work, religion, drought, abundant table, are

images created in Brazilian oral literature that come alive in the voices of poets of literature cordel, poets of fair. Jessier Quirino, artist of Campina Grande, is in contemporaneity authorial reference when its theme is northeast. Before therefrom, our study attempts to demonstrate that “Quirino” brings his literary art the figure of “matuto” recollected in daily life in our cities. The author creates images that’s “enliven” the experience of the reader his work. For this reason, our study analyzes the images created by the metaphors employed in the poetics of Jessier Quirino, specifically in the poem “unfinished work of trowel”. For the theoretical background, was necessary to study the theories of cognitive linguistics, passing to the field of cognitive semantics, and then immediately, we have an in depth study of metaphor, essential part of this current. Under the theoretical basis of cognitive semantics, became evident that the figure of the frontiersman, brings speeches essential for the formation of an identity of man of the field, which is subject to a memory of tradition. In works of Jessier Quirino are obvious cultural and social tags that’s requiring prior knowledge for to be interpreted. Like this, we could observe the way Jessier gives life an inanimate object, attributing characteristics, feelings and emotions of human beings. From the theories of metaphor traced a route that shows the construction of meaning that develops in the verses of the poem chosen for analysis, and realize the importance of cognitive experientialism current.

Key words: Jessier Quirino. Cognitive semantics. “Matuta” poetry.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise interpretativa do poema “Obra inacabada de uma colher de pedreiro” do Poeta paraibano Jessier Quirino, sob um olhar experiencialista, fundamentado nas teorias da semântica cognitiva.

São objetivos deste trabalho, introduzir uma noção de lingüística cognitiva, semântica cognitiva, com ênfase no estudo de metáforas. Realizar um breve estudo sobre a literatura oral, e por conseqüência a literatura de cordel, que foram fontes de inspiração para a obra do poeta Jessier Quirino. Mostrar um pouco do trabalho realizado por este poeta e fazer uma análise aplicando a fundamentação da semântica cognitiva no Poema escolhido como objeto de estudo.

O trabalho foi dividido da seguinte em três partes: A primeira contém a fundamentação teórica sobre cognitivismo, semântica cognitiva e metáfora, baseado nos textos de Martelotta(2008), Gomes(2003) e Cançado(2012). Na segunda parte, há um pequeno estudo sobre literatura oral e literatura de cordel, fundamentado em Cascudo (1898), Galvão (2001) e Bakhtin (2000). Em seguida uma apresentação do poeta Jessier Quirino. Na terceira parte, ocorre a análise do poema, através dos estudos cognitivos.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, enriquecida com conhecimentos prévios.

2 O COGNITIVISMO

O gerativismo de Chomsky fundou uma tendência em que considerava-se a linguagem como um sistema de conhecimento autônomo que está depositado no cérebro dos indivíduos, constituído por uma série de princípios inatos referentes as estruturas gramaticais das línguas. Mas esses princípios restringem as possibilidades de variação na estrutura das línguas. Chomsky mostrou a importância dos fenômenos relativos ao modo como nossa mente interage com o mundo (fenômenos de natureza cognitiva). De acordo com Martelotta (2008, p. 177-178) os gerativistas deram prioridade, em suas análises, as buscas de aspectos lingüísticos universais, deixando de lado as questões sociais e interativas que as caracterizam.

Segundo os cognitivistas, a linguagem não constitui um componente autônomo da mente, ou seja, não é independente de outras faculdades mentais. Buscam uma visão integradora do fenômeno da linguagem com base na hipótese de que não há necessidade de distinguir conhecimento lingüístico de conhecimento não lingüístico. A proposta cognitivista leva em conta aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, e também a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados. “É importante aqui registrar que esses aspectos somente se concretizam socialmente, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural.” (MARTELOTTA, 2008, p.179).

Outro aspecto da proposta cognitivista incorpora os fenômenos referentes à interação social, focaliza a linguagem como uma forma de ação, através da linguagem comenta-se, ora-se, ensina-se, discursa-se, informa-se, se enquadram os papéis que compõem a vida diária.

Na concepção cognitivista não há significados prontos, mas mecanismos de construção de sentidos a partir de dados contextuais essencialmente ricos e dinâmicos. Os significados resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento.

A linguística cognitiva traz uma mudança no estudo da linguagem, coloca os usuários da língua no centro da construção do significado. Para que se compreenda o fenômeno da significação, não é permitido que se exclua o falante e o ouvinte. Para o cognitivismo, o falante é visto como um produtor de significados em situações comunicativas reais nas quais

interage com interlocutores reais. Desse modo, fenômenos característicos do uso da língua, passam a ter maior importância para a compreensão do fenômeno da linguagem.

É necessário saber como se dá o processo de construção da significação referente ao nosso universo cultural, como o indivíduo se relaciona culturalmente com o ambiente em que vive. Os cognitivistas mostram que nosso primeiro contato com o mundo se dá através dos nossos sentidos corporais. A estrutura corporal é extremamente importante, já que a percepção que o indivíduo tem de mundo é limitada por nossas características físicas. A mente não é separada do corpo. Mostrar a importância do corpo e das restrições que ele impõe ao modo como o indivíduo experiencia o mundo, permite admitir a importância da noção de perspectiva no processo de significação e expressão de mundo. De acordo com Martelotta (2008, p. 183) “A construção de uma cena envolve sempre uma relação entre um falante (ou um conceptualizador) e uma situação que ele toma em consideração”. Os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais, incorporando ao processo de significação o sujeito, a perspectiva de quem produz o discurso. Os elementos linguísticos possuem a função de garantir a perspectiva que o falante quer transmitir no ato comunicativo. “...os cognitivistas propõem, por exemplo, noções como ponto de vista, alinhamento de figura e fundo e conhecimento de base em relação ao qual o conhecimento é compreendido” (MARTELOTTA, 2008, p. 183).

2.1 A SEMÂNTICA COGNITIVA

As noções de semântica afastam-se do tratamento formal e matemático dado por Chomsky, pois não envolvem apenas questões gramaticais, mas também, informações do sistema extragramatical. A semântica cognitiva tem a intenção de explicar as habilidades empregadas pelos falantes na interpretação das sentenças, que detectasse as ambiguidades não-sintáticas, pois as sentenças apresentavam uma única descrição estrutural e percebiam dois significados, que determinasse o número de leituras de uma sentença, que reconhecesse anomalias semânticas e que estabelecesse paráfrases. É necessário examinar a questão da relação entre as estruturas e suas representações semânticas. Lakoff, citado por Gomes(2003, p. 86), como linguista cognitivista, preocupa-se com o modo como são apreendidas as experiências humanas e com seu sistema conceitual.

Em sua semântica, o teórico pretende explicar o modo como a razão atua sobre a realidade para dela extrair significado. Gomes(2003, p. 87) traz a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) criada em 1987 por Lakoff, e mostra que este autor baseia-se

numa teoria da categorização humana que, empiricamente, mostra que as categorias são do tipo que se estruturam em torno de um membro prototípico ou representativo da categoria. Os MCIs dão forma e conteúdo à realidade a partir de formas e estruturas: as diretamente significativas e as indiretamente significativas. As diretamente significativas são as imagens cinestésicas originadas na experiência física e social das pessoas, e as indiretamente significativas são projeções metafóricas e metonímicas e permitem a conceitualização abstrata da realidade.

Gomes(2003, p.87-88) traz os quatro modelos cognitivos destacados por Lakoff em sua teoria: os modelos cognitivos de esquema de imagens, os modelos cognitivos proposicionais, os modelos cognitivos metafóricos e os modelos cognitivos simbólicos.

A semântica de Lakoff tem como base o experientialismo e procura responder algumas questões como cita Gomes(2003, p. 90):

“A sustentação filosófica da semântica de Lakoff, conforme já salientado, assenta-se no experientialismo e procura respostas a questões de extrema importância teórica, tais como: (i) o que é razão humana? (ii) como fazemos sentido de nossa experiência? (iii) o que é um sistema conceitual e como está organizado?”

As ciências cognitivas tem aberto possibilidades de respostas para estas questões. Experiência, nessa perspectiva, está ligado a natureza, as espécies e comunidades. A partir disso que têm-se o significado caracterizado pela corporalidade e pelo realismo experiential.

2.1.1 Metáforas

Existe um número variado de estruturas e processos que ocorrem na literatura, mas um deles, em especial, é alvo da atenção de todos os estudiosos cognitivistas, assim como cita Cançado(2012, p.129): “Os relevantes trabalhos cognitivistas apresentados em Lakoff e Johnson(1980), Lakoff (1987) e Johnson (1987) assumem que a metáfora é um elemento essencial para a nossa categorização do mundo e para os nossos processos mentais”. Diversas outras áreas também possuem a metáfora como objeto de investigação, como: a linguística histórica, categorias do pensamento, estudos sobre a linguagem poética, estudos sobre a ética, e outras áreas. A metáfora é uma das formas mais importantes de comparação, e tem seu uso mais constante em textos literários e poéticos, mas também é comum encontrar metáforas na linguagem científica e cotidiana.

Existem diversas explicações para a forma como as metáforas funcionam, mas a concepção mais comum é a de comparação entre dois termos, em que se faz uma identificação das semelhanças, e a transferência dessas semelhanças entre os conceitos. O processamento de uma metáfora requer do leitor/ouvinte uma forma especial de interpretação. “A metáfora tem, como ponto de partida, a linguagem literal, que é detectada pelo ouvinte como sendo anômala”(CANÇADO, 2012, p.130). Uma visão romântica traz a metáfora como uma evidência do papel da imaginação, em conceituar e raciocinar sobre o mundo, e isso permite afirmar que toda linguagem é metafórica, não existindo diferença entre linguagem literal e figurativa.

Os cognitivistas são vistos como uma extensão da visão romântica sobre a metáfora, e também afirmam que a metáfora está na linguagem cotidiana, mas com uma abordagem menos radical que os românticos, que afirmam que toda linguagem é metafórica. Para os cognitivistas, a metáfora é uma maneira relevante de se pensar e falar sobre o mundo, mas é aceita a linguagem não metafórica.

Cançado(2012, p. 132), baseado nas teorias cognitivistas, traz uma divisão das características das metáforas, são estas: convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração. A convencionalidade está ligada ao grau de novidade da metáfora. A sistematicidade refere-se à maneira que a metáfora estabelece um campo de comparações. A assimetria refere-se à natureza direcional de uma metáfora. A última característica, a abstração, está relacionada à assimetria, está ligado ao fato de usar-se uma fonte mais concreta para descrever algo mais abstrato.

“Portanto, a metáfora, que é um tipo de estrutura cognitiva, é vista como condutora das mudanças lexicais e fornecedora da chave para entender a criação da polissemia e do fenômeno de trocas semânticas”.(CANÇADO, 2012, p.135). Através dessa citação, o autor mostra que a metáfora tem um papel além do sincrônico, e que tem uma influencia muito forte nas mudanças lexicais, como por exemplo as palavras que adquirem um novo caráter semântico com o passar do tempo, pode ter passado por um processo de metaforização.

3 LITERATURA ORAL

De acordo com Cascudo(1898) A denominação “literatura oral” é de 1881 e foi criada por Paul Sébillot. Essa literatura seria limitada a provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações e cantos, mas acabou-se ampliando a maiores horizontes. Tem como principal característica, a persistência pela oralidade.

Duas fontes mantêm a corrente da literatura oral viva: a primeira é exclusivamente oral, que é mantida no canto popular, nas danças de roda, danças cantadas, jogos infantis, nos aboios, adivinhações, lendas e etc. A outra fonte é impressão dos “livrinhos” vindos da Espanha e de Portugal, que continham versificação popularizada com assuntos da época, guerras, política, sátira, histórias de animais, fábulas, caça, entre outros. Esse material, pertence à literatura oral e foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta. Rapidamente foi assimilada na improvisação popular, na poética dos desafios, nas quadras populares no sertão do Brasil. Tem-se como herança dessa cultura, a literatura de cordel.

3.1 LITERATURA DE CORDEL

A Literatura de Cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar (GALVÃO, 2001).

A literatura de cordel é uma manifestação cultural de literatura popular tradicional. Possui forma de poesia, rimada, metrificada, impressa e oral, A partir disto, herdou-se a denominação “cordel”. Os cordelistas preparam seus versos para uma audiência, ou seja, para ouvintes, na intenção de que a leitura do texto seja declamada, ou recitada, fazendo assim, que a leitura do cordel assuma um caráter de leitura compartilhada. A comercialização do cordel é feita em “feiras”. Hoje, estas feiras afastam-se das de décadas atrás, em que os cordéis era vendidos livremente, juntamente com outros produtos que são estão no nível literário, como utensílios domésticos, e até mesmo comida, no que são conhecidas como “feiras livres”. As feiras em que os cordéis são comercializados agora são as feiras literárias.

Segundo Bakhtin (2000), seja qual for a esfera da atividade humana, ela estará sempre relacionada à utilização da língua e essa será efetuada sob a forma de enunciados, orais ou escritos, que irão refletir as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. O todo do enunciado será a fusão de três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. A partir deste pensamento entramos na categoria de gênero de discurso, e Bakhtin(2000) faz uma distinção para separar os gêneros primários e secundários.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio-política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 281)

De acordo com essa classificação, podemos considerar a literatura de cordel como um gênero secundário e plurivocal, já que se trata de uma manifestação artística dentro da cultura popular.

3.1.1 Jessier Quirino

Jessier Quirino, paraibano de Campina grande, poeta, músico, arquiteto, declamador, se define, arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção. Reside desde 1983 em Itabaina. Concluiu arquitetura na Universidade Federal da Paraíba(UFPB), e ainda atua na área. Na área artística, é instrumentista autodidata, fez cursos de desenho artístico e arquitetônico, e possui maior destaque na área da literatura, a qual trabalha a prosa, a métrica e a rima. Autor dos livros: “Paisagem de Interior” (poesia), “Agruras da Lata D’água” (poesia), “O Chapéu Mau e o Lobinho Vermelho” (infantil), “Prosa Morena” (poesia e acompanha um pires de CD), “Política de Pé de Muro - O Comitê do Povão” (legendas e imagens gargalhativas sobre folclore político popular), CDs: “Paisagem de Interior 1 e Paisagem de Interior 2”, o livro: “Bandeira Nordestina” (poesia e acompanha um pires de CD), A Folha de Boldo Notícias de Cachaceiros - em parceria com Joselito Nunes - e o mais recente “Papel de Bodega”, todos editados pelas Edições Bagaço do Recife - além de causos, músicas, cordéis e outros escritos.

Figura 1: Jessier Quirino



Fonte: Página do “celebspe”

O poeta Jessier Quirino tem chamado atenção do público e da crítica por sua presença de palco em suas declamações, pela memória extraordinária, e pela temática das histórias, que partem desde a poesia matuta, repleta de humor, piadas e texto de nordestinidade apurada. As temáticas escolhidas, a oralidade marcante, a versificação e métrica, fazem perceber que o poeta campinense teve fortes influências da literatura de cordel trabalhada no tópico anterior.

4 OBRA INACABADA DE UMA COLHER DE PEDREIRO

Como objeto de estudo para aplicação da teoria da semântica cognitivista, foi escolhido o poema “Obra inacabada de uma colher de pedreiro”, que é parte do “Papel de Bodega”. Este é o título do novo livro e CD do poeta paraibano Jessier Quirino, que segue a linha das obras anteriores, explorando território urbano e rural, com poesia humor e musicalidade, contendo declamações de poemas, causos e canções.

Figura 2: Papel de Bodega, livro de Jessier Quirino



Fonte: Site oficial do autor

O poema a ser analisado: “Obra inacabada de uma colher de pedreiro” (ANEXO1) possui uma temática comum ao restante da obra do autor, que é a poesia matuta, mas dessa vez faz a personificação de uma colher de pedreiro, que é um instrumento utilizado em construções civis, fazendo com que esse objeto tome vida no decorrer dos versos, descrevendo, minuciosamente, o processo de construção, de edificação, e de acabamento que ocorrem nas construções civis.

Esta poema é sobrecarregado de figuras de linguagens que dão o caráter subjetivo típico dos textos literários. Dentre as diversas figuras de linguagem presente, a metáfora é a mais utilizada, sendo fundamental para a interpretação. Partindo da teoria da semântica cognitiva, serão analisadas as metáforas presentes no poema.

Primeiramente deve-se conhecer o instrumento denominado colher de pedreiro, e entender suas funções. Já nos primeiros versos, a metáfora aparece da seguinte forma: “Na vida sou mão de ferro/Mas também sei alisar”. Para poder interpretar essa metáfora, é necessário um conhecimento prévio adquirido em contextos diferentes. A colher de pedreiro é composta, em sua maior parte, de ferro, e é um instrumento utilizado manualmente, mas o segundo verso é uma aversão ao primeiro, e torna-se impossível a sua interpretação apenas no nível sintático. Ao saber que a expressão “mão de ferro” era relacionada a ditadores governamentais, pode-se entender a metáfora presente, que mostra que apesar da colher ser feita de ferro, que é um material que também está em outros instrumentos da construção, que não servem para “alisar”, ela tem a capacidade de “alisar”, ou seja, capacidade de acabamento. Esta metáfora pode ser analisada no nível da convencionalidade, que mostra a questão do grau de novidade da metáfora.

“Tal e qual um João de Barro/Que faz do bico a destreza/De tirar da natureza/O mais puro edificar”. Nestes versos citados, ocorre uma comparação entre a colher de pedreiro e pássaro João de Barro que é conhecido por seu característico ninho em forma de forno, e também é personagem de lendas folclóricas de algumas regiões. A comparação consiste na habilidade de construção do pedreiro que é atribuída ao seu objeto de construção, e a habilidade própria do instinto do João de Barro que faz o seu ninho utilizando barro, e recebe o título de “o mais puro edificar”, pois, é um processo totalmente natural e próprio do pássaro, que diferente do homem utiliza de diversos instrumentos cada vez mais avançados para realizar suas construções.

Já nos versos seguintes vem a ocorrência de outra metáfora: “Eu enxergo em minha mão/Os cinco andares de um prédio/O mínimo, o anular/O médio, o fura-bolo e o polegar”. Pode-se perceber nestes versos, uma comparação quando se anuncia os cinco andares de um

prédio, e em seguida são listados os nomes dados aos cinco dedos da mão, vale salientar que um dos nomes dados não está no mesmo padrão dos outros, pois, “fura-bolo” faz parte da brincadeira das crianças, e poderia ser substituído por “indicador”. Pode-se também, observar que estes “cinco andares de um prédio” são os cinco dedos da mão que o envolve, que quando estendida horizontalmente, assemelha-se aos cinco andares de um prédio, um acima do outro. É importante observar, a sistemacidade citada por Caçado(2012), e perceber o campo de comparações, e não somente um ponto de comparação.

Em seguida aparecem os seguintes versos: “Empurro a mão na areia/Faço pirão de cimento/Dou karatê em tijolo...”. Nestes versos, há a ocorrência de duas metáforas, além da personificação da colher de pedreiro que permanece. A primeira delas está no “pirão de cimento”, ocorre uma comparação entre o movimento repetitivo que o pedreiro faz para misturar a massa constituída normalmente de cimento, areia e água, que é semelhante ao movimento feito para misturar a farinha, que se coloca para fazer o pirão, que é uma comida típica do “sertanejo” presente na obra de Jessier Quirino. A segunda metáfora está no “karatê em tijolo”, que é uma comparação entre o movimento executado pelo pedreiro para partir tijolos ao meio, com a intenção de preencher pequenos espaços na construção, e o movimento executado pelo praticante da arte marcial “karatê” para quebrar pedaços de madeira, gelo, ou até mesmo tijolos.

“Reboco de lá para cá/ Chapisco em meia colher/E acredite se quiser/ Me divirto em chapiscar”. Para entender esta metáfora, O experiencialismo é essencial. Primeiramente é necessário que o leitor saiba o que é “reboco” e “chapisco”: Juntamente com o “emboço” são os nomes dados as camadas de acabamento que uma parede recebe antes da pintura. O chapisco em meia colher, é uma ação dos pedreiros, em que só se usa a metade da colher para jogar cimento em direção à parede. Vale salientar que, neste poema, estas palavras aparecem como formas verbais conjugadas e não como substantivos, passando a ser ações realizadas pela colher de pedreiro. O terceiro destes versos citados neste parágrafo, chama atenção do leitor ao próximo verso, pois, mesmo o fato da ação de “chapiscar” fazer parte do ofício diário desta colher, quando comparado as outras ações citadas, ainda é considerada divertida.

Nos seguintes versos ocorre algo marcante da poética de Jessier Quirino e da literatura de cordel: Utilizar, em sua obra, palavras consideradas “inadequadas” para a norma padrão. “Me atrepe nos andaime/ Arriscoso desabar”. A forma “atrepo” vem de *atrepar*, que tem o mesmo significado de “trepar”, e é utilizada em contextos de subir a locais de difícil acesso. A forma “arriscoso” também é desconsiderada pela língua padrão, mas é recorrente na

linguagem popular e coloquial, e tem uma explicação para seu uso, que é a semelhança com formas como: perigoso e trabalhoso.

Nos próximos versos, Jessier traz à tona algo que é muito forte em toda sua poesia, a religiosidade: “E no fim de cada dia/Rezo três alvenarias/Pra sorte me acompanhar”. Olhando pelo viés da convencionalidade de Lakoff, citada em Cançado(2012), pode-se ver algo inusitado, que é uma metáfora feita entre o elemento da construção civil, e um elemento da religião católica, que o matuto leva consigo para qualquer lugar. De um lado está a alvenaria, que é a construção de estrutura de paredes, ligadas por argamassa. Do outro lado, estão as “avemarias” que é a oração feita pelo católico, na qual ele pede a intercessão de “Nossa Senhora”, para conseguir seus objetivos, e uma “vida melhor”. As avemarias são rezadas no fim de cada dia como forma de agradecimento pelo dia concebido, e como pedido de ajuda e intercessão para o próximo dia. A semelhança fonética entre essas duas palavras permite a produção dessa metáfora, mas exige do leitor um conhecimento prévio, para que haja total interpretação.

“E nessa luta de fé/ Assumo em voz de colher/ No ramo da construção/ Minha única frustração/ É não conseguir pintar”. Nestes versos, pode-se perceber o realce que é dado ao discurso personificado na colher de pedreiro, quando se assume em voz de colher. Ocorre uma prosopopéia quando se atribui um sentimento humano, como é o exemplo da frustração, à uma colher de pedreiro que é um objeto inanimado. A explicação para esta “frustração” está no fato da colher estar envolvida com todas as atividades realizadas em um trabalho de construção, menos na parte final, que é a de pintura. Esta finalização é considerada uma das mais importantes, pois além de embelezar a construção, é a última.

Mesmo frustrada, a colher de pedreiro dialoga com o leitor, numa tentativa de amenizar a situação, trazendo mais um trabalho realizado por ela, que está muito próximo da fase de pintura. Esta, talvez seja um dos casos de experiencialismo mais marcantes neste poema de Jessier Quirino.

“Mas calma meu pessoal
Eu vou dizer pra vocês
Se tiver tinta xadrez
E um piso pra terminar
Eu meto a mão na cumbuca
Misturo o tal tingimento
E cubro o chão de cimento
Com o mais vermelho encarnado
E deixo Semi-acabado
Só carecendo encerrar”

A primeira necessidade de conhecimento prévio, presente nestes versos, está no terceiro verso citado, já que tinta xadrez era um pó comercializado a muitos anos. Esse pó deve ser misturado e dissolvido em água, para fazer uma mistura que funciona como tinta de cor avermelhada.

Figura 3: Embalagem do pó xadrez



Fonte: Site das lojas de material de construção Turuna

Após conhecer esse produto, e entender como era utilizado, pode-se agora realizar uma interpretação mais adequada da mensagem passada pelo autor. “Meter a mão na cumbuca”, está mostrando o movimento de retirada do pó da embalagem. Misturar o tingimento está relacionado ao funcionamento do pó xadrez, que como mostrado anteriormente, necessitava de água, para fazer a mistura utilizada como tinta. Então, cobre-se o chão que ainda encontra-se acabado em cimento, com a mistura criada com o pó xadrez. Nesse caso, encarnado é uma especificidade da cor vermelha, que indica um tom de vermelho fortíssimo. Desta forma, a colher de pedreiro consegue amenizar sua situação, mostrando que também pode ser útil na finalização de uma construção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo das teorias cognitivas, pode-se perceber o funcionamento da experiência na vida dos leitores. Através do poema analisado, pode-se perceber a quantidade de informações que estão fora do texto, mas que estão presentes no contexto que um texto é produzido.

Pode-se perceber que para poder analisar e interpretar uma obra como as do Poeta Jessier Quirino, é necessário conhecer a memória de tradição existente na figura do matuto retratada pelo autor, como a religiosidade, palavras em desuso, ou totalmente coloquiais, que só podem ser conhecidas através do convívio, e da observação desses costumes. Isso ficou evidente, quando foram analisadas as metáforas presentes no poema “Obra inacabada de uma colher de pedreiro”, em que a análise só se efetivava quando tomava-se conhecimento de certos assuntos. Isso é justificado pela semântica cognitiva, da qual o leitor faz uso, para poder interpretar os textos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASCUDO, Luis da Camara da. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1984.
- GOMES, Claudete Pereira. A Semântica Cognitiva, **In: Tendências da Semântica Linguística**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GALVÃO, Ana Maria de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística Cognitiva, **In: Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- QUIRINO, Jessier. **Papel de Bodega**. Recife: Bagaço, 2014.
- Figura 1:** Disponível em: <<http://www.celebspe.com.br>. Acessado em Julho de 2014.
- Figura 2:** Disponível em: <<http://jessierquirino.com.br/livros/papel-de-bodega>. Acessado em Julho de 2014.
- Figura 3:** Disponível em: <<http://www.turuna.com.br/index.php?id=6&produto=286>. Acessado em Julho de 2014.

ANEXO 1

Obra inacabada de uma colher de pedreiro – Jessier Quirino

Na vida sou mão de ferro
Mas também sei alisar
Tal e qual um João de Barro
Que faz do bico a destreza
De tirar da natureza
O mais puro edificar
Eu enxergo em minha mão
Os cinco andares de um prédio
O mínimo, o anular
O médio, o fura-bolo e o polegar
Empurro a mão na areia
Faço pirão de cimento
Dou karatê em tijolo
Faço base, assentamento
Ando no alinhamento
Em busca de endireitar
Reboco de lá pra cá
Chapisco em meia colher
E acredite se quiser
Me divirto em chapiscar
Me atrepo nos andaime
Arriscoso desabar
E no fim de cada dia
Rezo três Alvenarias
Pra sorte me acompanhar
E nessa luta de fé
Assumo em voz de colher
No ramo da construção
Minha única frustração
É não conseguir pintar
Mas calma meu pessoal
Eu vou dizer pra vocês
Se tiver tinta xadrez
E um piso pra terminar
Eu meto a mão na cumbuca
Misturo o tal tingimento
E cubro o chão de cimento
Com o mais vermelho encarnado
E deixo Semi-acabado
Só carecendo encerrar